

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 2111

Data: 19/11/91 Pg.: _____

País reduz taxas para óleo venezuelano

Marcos Magalhães

Depois de multiplicar por seis as compras de petróleo da Venezuela no ano passado, em consequência da Guerra do Golfo, o Brasil vai passar a comprar o produto do país vizinho com alíquotas reduzidas de imposto de importação a partir de 1992. A diminuição das tarifas fará parte de um amplo programa de complementação econômica, semelhante ao que foi desenvolvido com a Argentina antes da formação do Mercosul.

O tratado de integração com a Venezuela, que estabelecerá reduções progressivas das alquotas do imposto de importação para produtos dos dois países, deverá ser assinado em fevereiro, paralelamente à realização de uma conferência de chefes de Estado do Pacto Amazônico.

"O acordo se destina a trazer para o dia a dia das pessoas os benefícios da abertura comercial", explicou ontem o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, ao anunciar que a idéia da integração constará do comunicado conjunto a ser assinado hoje entre os presidentes do Brasil, Fernando Collor, e da Venezuela, Carlos Andrés Pérez.

Rezek previu que o processo de aproximação iniciado pelo Brasil com os países do Mercosul — Argentina, Uruguai e Paraguai — se estenderá à Venezuela, ao Chile e, provavelmente, ao Peru. No caso específico da Venezuela, o acordo beneficiará as compras brasileiras de petróleo, que já ocupam 82% das importações.

Pioneiro

O ministro das relações Exteriores recordou que o governo de Caracas foi um dos primeiros a oferecer mais petróleo ao Brasil, quando explodiu a Guerra do Golfo. O Irã se propôs também a fornecer ao País os 200 mil barris que eram importados do Iraque e do Kuwait, mas o governo brasileiro optou por diversificar as fontes de fornecimento.

Com isso, as compras de petróleo da Venezuela subiram de 10 mil para 60 mil barris diários, estabilizando-se depois em 55 mil barris. Com a redução das alíquotas



O presidente Pérez foi recebido pelo reitor Antonio Ibañez na UnB, onde proferiu palestra

de importação prevista pelo Itamaraty, é provável que aumentem ainda mais as importações brasileiras da Venezuela.

Rezek afirma que a preferência por um país da América latina — depois de aumentar as importações de Angola, um país africano — não se deve a razões políticas, mas econômicas. "As importações se tornam mais baratas, por causa da proximidade, e mais seguras, quando optamos pela diversificação", diz o ministro. "Como o Golfo Pérsico tem antecedentes políticos, não nos custa ser prudente", lembra.

As compras de petróleo respondem por 82% das importações brasileiras, que chegaram a US\$ 370 milhões no ano passado. As exportações para a Venezuela — de US\$ 260 milhões em 1990 — são mais diversificadas.

Demarcação satisfaz Pérez

Os presidentes Fernando Collor e Carlos Andrés Pérez comemoraram ontem, no encontro privado de 20 minutos que mantiveram no Palácio do Planalto, a criação da reserva indígena Ianomami, anunciada na última sexta-feira pelo presidente Collor. Os dois presidentes lembraram que, com a decisão de Collor, anunciada na última sexta-feira, Brasil e Venezuela cumprem os dispositivos constitucionais dos dois países de proteger a mais primitiva civilização do planeta e dão ao mundo uma demonstração de capacidade de administrar os recursos naturais e humanos que abrigam em seu território.

Segundo o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, a área destinada aos índios Ianomami

— que no Brasil e Venezuela somam quase 18 milhões de hectares — será tratada com destaque no comunicado conjunto, que Pérez e Collor assinam hoje em solenidade no Palácio do Planalto. O chanceler lembrou que os dois países chegaram a estudar a possibilidade de delimitar a reserva mediante um compromisso bilateral, mas a idéia foi abandonada pelas repercussões que poderia produzir.

A criação do território indígena gerou pressões tão intensas sobre o governo venezuelano como sobre o brasileiro, que foram comentadas pelos presidentes. O chanceler brasileiro não admitiu que o Brasil cedesse a essas pressões, ao tomar a decisão de demarcar o território.

Defesa da integração latina

A importância da integração latino-americana foi destacada ontem pelo presidente Carlos Andrés Pérez em palestra proferida na Universidade de Brasília. Tendo ao lado o reitor Antonio Ibañez e o embaixador venezuelano Sebastián Alegré, Pérez ressaltou que "na presente década, nossos países, ao mesmo tempo que vão abrindo suas economias ao mundo, têm como tarefa ineludível a integração regional, numa perspectiva hemisférica".

Ao lembrar que o processo atual se desenvolve "em contextos regionais, hemisféricos e internacionais diferentes, o que nos compromete a uma profunda revisão das orientações e esquemas do passado", o presidente frisou que "já não é concebível uma integração fechada para dentro. A integração responde à necessidade de um bloco aberto, dinâmico, exportador, no qual o âmbito regional torna-se indispensável para robustecer o crescimento, o desenvolvimento tecnológico e a capacidade competitiva".

"Hoje mais do que nunca nos é imposto um imperativo histórico: obter um espaço para nossa região

na nova realidade mundial", disse. Em seguida insistiu em que "primeiramente devemos consolidar a democracia. É a vontade expressa de nossos povos. O militarismo desapareceu para sempre da América Latina. O Brasil é um bom exemplo para ilustrar esta afirmação".

Pérez defendeu "a modernização do Estado em todos os âmbitos", num processo que traga consigo a participação da sociedade civil, e "a abertura econômica para uma economia de mercado sem menosprezar a função reitora do Estado, reduzindo seu tamanho e discricionariedade".

"Um rol maior da ONU teria, agora em diante, ser consequência de uma Nova Ordem Internacional, onde se sustente a presença desta nova América Latina. A verdadeira causa que atenta contra a segurança e a paz é a divisão da comunidade internacional entre ricos e pobres", definiu.

Ele destacou que a pobreza, no Terceiro Mundo é causa essencial da agressão à natureza e pediu políticas globais, com a participação dos países desenvolvidos, para solucionar esses problemas. (I.G.)

Presidente visita o Ciac

O presidente da Venezuela, Andrés Pérez, juntamente com o presidente Fernando Collor e a governadora em exercício do DF, Márcia Kubitschek, visitou na manhã de ontem o Ciac do Paranoá. Durou pouco mais de trinta minutos, mas Pérez saiu impressionado com as instalações do Centro Integrado e a recepção carinhosa das crianças.

Logo na chegada, Collor, Márcia e Pérez foram recepcionados por 28 alunos do Ciclo Básico de Alfabetização, com bandeirolas do Brasil e da Venezuela. O presidente Fernando Collor gostou dos uniformes dos alunos do Ciac, doados pela Fibra — Federação das Indústrias do Distrito Federal — e pelo sindicato da Indústria dos Vestuá-

rios do DF. Os dois presidentes e a governadora visitaram quatro salas de aula, as oficinas dos cursos profissionalizantes ministrados pelo Senai, passaram pela biblioteca e pela creche do Ciac. A cada novo ambiente, Pérez conversava com Collor e Márcia sobre o projeto de escola em tempo integral. Na cozinha, os governantes comeram biscoitos preparados pelas cozinheiras e foram cumprimentadas informalmente pelos três visitantes.

Mesmo com um verdadeiro batalhão de fotógrafos e cinegrafistas, o líder venezuelano mostrava-se muito à vontade nas dependências do Ciac. Passava do meio-dia quando entraram no refeitório onde estava sendo servido o almoço aos alunos.